

Artigo

Análise funcional do conector *diante disso*

Functional analysis of the connector *diante disso*

Análisis funcional del conector *diante disso*



Monclar Guimarães Lopes

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
monclarlopes@id.uff.br



Carolina Reis Fonseca

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
fonsecacarolina@id.uff.br

Resumo: Neste artigo, temos o objetivo de descrever os usos do conector *diante disso* à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (Rosário, 2022; Traugott; Trousdale, 2013; Bybee, 2010 etc., entre outros), em diálogo com os estudos pragmáticos dos três domínios da conexão (Sweetser, 1990). Ao todo, analisamos cem ocorrências extraídas da base de dados *Now*, do *Corpus do Português*, por meio do emprego de análise mista ou quali-quantitativa (Lacerda, 2016). Concluímos que *diante disso* é um conector polissêmico que pode veicular valores semânticos de conclusão e consequência, distribuídos em uma perspectiva gradiente e organizada com base em aspectos morfossintáticos.

Palavras-chave: *diante disso*; consequência; conclusão; domínios da conexão; linguística funcional centrada no uso.

Abstract: In this paper, we aim to describe the uses of the connector *diante disso* in the light of Usage-Based Linguistics (Rosário, 2022; Traugott; Trousdale, 2013; Bybee, 2010, among others.), in dialogue with the pragmatic studies of the three connection domains (Sweetser, 1990). In all, we analyzed one hundred tokens extracted from the *Now* database, present at www.corpusdoportugues.org, using both qualitative and quantitative analysis (Lacerda, 2016). We conclude that *diante disso* it is a

polysemic connector that can convey semantic values of conclusion and consequence, distributed in a gradient perspective and organized based on morphosyntactic aspects.

Keywords: diante disso; consequence; conclusion; connection domains; usage-based linguistics.

Resumen: En este artículo, pretendemos describir los usos del conector *diante disso* luz de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso (Rosário, 2022; Traugott; Trousdale, 2013; Bybee, 2010 etc.), en diálogo con estudios pragmáticos de los tres dominios de la conexión. (Sweetser, 1990). En total, analizamos cien ocurrencias extraídas de la base de datos Now, del Corpus portugués, mediante análisis mixto o cuali-cuantitativo (Lacerda, 2016). Concluimos que *diante disso* se trata de un conector polisémico que puede transmitir valores semánticos de conclusión y consecuencia, distribuidos en una perspectiva gradiente y organizados en base a aspectos morfosintácticos.

Palabras clave: diante disso; consecuencia; conclusión; dominios de conexión; lingüística funcional centrada en el uso.

Submetido em: 20 de fevereiro de 2024

Aceito em: 24 de junho de 2024

Publicado em: 03 de outubro de 2024

1 Introdução

Diversos estudos históricos do português (Said Ali, 1921; Matoso Câmara Jr., 1985; Basseto, 2010; entre outros) evidenciam que o advérbio é uma categoria-fonte para a formação de classes de função mais procedural, conforme é o caso dos conectivos, mais especificamente, das conjunções e das preposições. Vejamos o que descreve Said Ali (1921) sobre a origem de algumas locuções prepositivas do português, figurando, dentre elas, a expressão *diante de*:

Vieram-nos as preposições parte do idioma latino que conhecemos através da literatura, parte do romanico; outras foram tiradas de advérbios portugueses acrescentando-se-lhes a palavra *de*: *depois de*, *diante de*, *defronte de*, *em cima de*, etc (Said Ali, 1921, p. 233, grifo nosso).

Como sabemos, essa trajetória de mudança não é particular do nosso idioma. De maneira bastante regular, nas mais diversas línguas naturais, advérbios – sobretudo aqueles de significação espacial – são recategorizados em decorrência do processo de gramaticalização, o qual prevê que as palavras de função gramatical advêm do léxico, ou, ainda, de palavras com função menos gramatical (Furtado da Cunha *et. al.*, 1995). Tal processo afeta não apenas os aspectos da forma – mais especificamente, a categoria gramatical –, mas também os do conteúdo.

No que se refere a esse último aspecto, segundo os estudos funcionalistas, a mudança do sentido se dá numa escala de abstratização, que envolve a passagem do concreto para o abstrato; ou, ainda, conforme Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), o *cline espaço* → *(tempo)* → *texto*. Sob esse ponto de vista, noções espaciais são reconceptualizadas para designar tempo, ou, ainda, relações de natureza lógico-semântica ou discursivo-argumentativa, no caso da articulação entre segmentos (supra)oracionais. Trata-se de uma escala bastante pertinente para entendermos a trajetória de *diante*, desde seu uso como advérbio ao emprego como locução prepositiva:

a) Uso concreto, de função espacial:

(01) Telmo caminha alguns passos para **diante**¹.

b) Uso abstrato, de função temporal:

(02) “Como cobrar ingressos, se o espaço foi construído, sobretudo, para atender aos que não têm condições de frequentar clubes?”, reforça. “Então, decidimos o que eu faria se tivesse a oportunidade de inaugurá-lo, há 50 anos. De hoje em **diante**, não haverá mais ingresso para frequentar o parque”, acentua.²

c) Uso mais abstrato, de função textual:

(03) De acordo com o advogado Júlio César Magalhães, os familiares de Igor decidiram mudar de advogado após desentendimentos com o advogado anterior. Diante da mudança de última hora, ele disse não ter tido tempo de analisar o processo. “A defesa foi solicitada pelos familiares no dia 26 [quarta-feira], infelizmente não houve tempo hábil para a defesa elaborar uma defesa técnica especializada, para proteger o direito constitucional dele. Só sei o que os portais mostram, não tive sequer ainda acesso aos autos do processo”, declarou. Diante disso, o juiz que presidia a audiência, Antônio Reis Nolleto, decidiu adiar a audiência pela segunda vez.

O emprego mais concreto e básico encontra-se no advérbio de lugar, conforme disposto em (01). Nesse tipo de arranjo, *diante* é a circunstância de um predicador cuja base semântica também é espacial, conforme é o caso de *caminhar*. É uma estrutura dêitica, cujo ponto de referência é um lugar relativamente próximo ao sujeito sintático *Telmo*. Em (02), por sua vez, *diante*, ao ser empregado como uma subparte do adjunto adverbial *de hoje em diante*, metaforiza-se em uma circunstância temporal em decorrência de pressões metonímicas. O maior nível de abstratização, nessa se-

¹ Dado extraído do *Corpus Vercial* – Teatro de Frei Luís de Souza (1843).

² Este e os demais dados citados ao longo do texto e não referenciados foram extraídos da base *Now*, do *corpus* do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now>. Acesso em: 4 maio 2023.

gunda ocorrência, pode ser observado não apenas na trajetória *espaço* → *tempo*, como também no fato de a delimitação sugerida por *diante* tornar-se ainda mais imprecisa. Enquanto, em (01), há um espaço relativamente próximo do sujeito sintático, o tempo, em (02), é totalmente impreciso: a partir de hoje, o parque pode nunca mais cobrar ingressos, mas não necessariamente.

Por fim, em (03), *diante* aparece como subparte inicial de uma locução prepositiva – *diante de* –, recrutada pelo uso para articular duas unidades discursivas³. Sob esse ponto de vista, na primeira unidade discursiva – ou D1 – temos três períodos que podem ser caracterizados como uma causa e que são recuperados pelo pronome demonstrativo *isso* no início da segunda unidade discursiva – ou D2. Nesse contexto, a função da locução prepositiva *diante de*, junto ao pronome demonstrativo *isso*, é a de estabelecer uma relação de causa e consequência entre esses dois segmentos de texto.

Não obstante esse último aspecto, cabe frisar que a locução prepositiva *diante de* possibilita não somente a veiculação de sentidos mais abstratos, como em (03), mas também concretos, de noção espacial, conforme é possível verificar em (04):

“Coisa mais linda”, tem vistas para o Arpoador, cenas na praia, com mulheres de maiô, e passeio de barco pela boca da Baía de Guanabara, **diante do** Pão de Açúcar.

A despeito dessas diferentes possibilidades de uso para *diante de* – que partem do concreto e chegam a dois diferentes níveis de abstração –, neste estudo, interessa-nos somente o emprego de *diante de* na articulação dos sentidos mais abstratos, isto é, no nível das relações textuais. Para esse fim, elegemos o conector *diante disso* como objeto de análise. Os motivos para essa seleção têm a origem nas seguintes hipóteses de pesquisa sobre esse conector: a) é uma microconstrução pertencente ao subesquema [diante de X]; b) é um *chunk*, em decorrência de sua elevada frequência de uso: o *corpus* investigado nos retorna 4.836 ocorrências no sistema de busca para *diante disso*, ao passo que retorna 230 ocorrências para o segundo *type* mais frequente – *diante dis-*

³ Empregamos a expressão *unidade discursiva* para fazer referência aos segmentos textuais articulados pela construção estudada, que podem ser de extensões distintas: orações, períodos e parágrafos.

to – e 38 ocorrências para o terceiro *type* mais frequente – *diante dessas circunstâncias*; c) o pronome demonstrativo *isso*, por ser um encapsulador de predicções de porções precedentes de texto e por ser uma forma mais gramatical e leve, é mais facilmente eleito para ocupar o *slot X* em relação a outros potenciais itens no subesquema [diante de X]; d) a microconstrução é polissêmica, manifestando valores resultativos nos três domínios da conexão, conforme perspectiva de Sweetser (1990).

Para esta pesquisa, adotamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (Rosário, 2022; Traugott; Trousdale, 2013; Bybee, 2010, entre outros), visto que essa é uma abordagem que objetiva descrever a gramática das línguas naturais com base em dados empíricos do uso linguístico. De maneira suplementar, recorreremos aos estudos pragmáticos dos três domínios da conexão, segundo Sweetser (1990). Ao todo, analisamos cem ocorrências extraídas do *Corpus* do Português (base de dados *Now*), por meio do emprego de análise mista ou qualitativa (Lacerda, 2016). Nosso principal objetivo é o de descrever os usos desse conector em termos de suas propriedades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas.

Para esse fim, organizamos este texto em três partes. Além desta introdução, há: *Pressupostos teórico-metodológicos* e *Resultados*. Fecham o texto as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

2 Pressupostos teórico-metodológicos

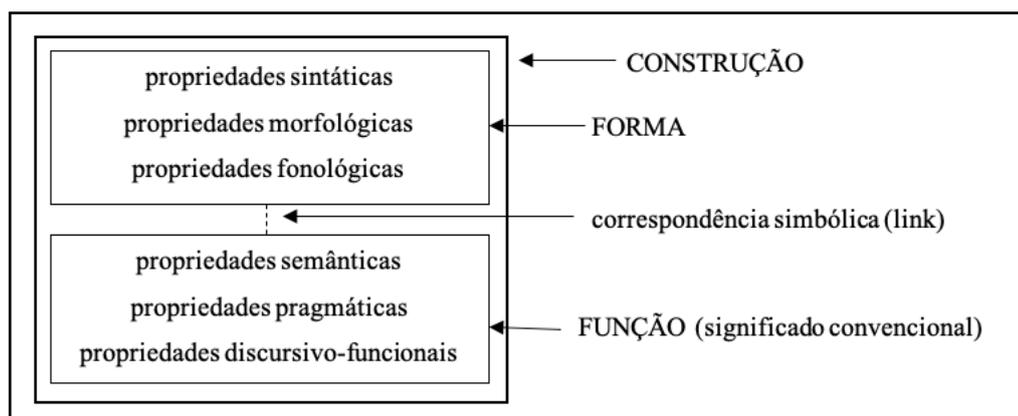
A Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – representa uma atualização do Funcionalismo praticado na Costa Oeste dos EUA – desenvolvido por pesquisadores como Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Closs Traugott, Bernd Heine, entre outros –, que passou a incorporar preceitos da Linguística Cognitiva, em especial os modelos de gramática de construções, como os propostos por Goldberg (1995), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Em linhas gerais, a LFCU passa a considerar como sendo fundamental, dentro de seus pressupostos, o conceito de construção, cuja definição se encontra a seguir:

C é uma construção se C é um par de forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$, de tal modo que algum aspecto de F_i , ou algum aspecto de S_i , não é estritamente previsível das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas (Goldberg, 1995, p. 4, tradução nossa).⁴

A relativização da composicionalidade semântica, conforme prevista em Goldberg (1995), é uma peça-chave nessa abordagem, pois nos ajuda a entender por que o sentido não pode ser descrito com base em propriedades exclusivamente semânticas. Afinal, as noções semânticas, por si só, são insuficientes para nos fazer compreender como *diante*, cujo sentido original é *lugar à frente*, teria sido recrutado para veicular noções de consequência ou de conclusão dentro da locução prepositiva *diante de*, como veremos adiante. Para esse fim, é necessário recorrer a outros aspectos do significado, que são da ordem da pragmática e/ou do discurso.

Portanto, no intuito de dar conta de dimensões mais amplas não só do significado, como também da forma, a abordagem construcional se apresenta como uma perspectiva holística, que visa a dar conta de todos os aspectos linguísticos, conforme indicamos na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – A estrutura simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Sob esse ponto de vista, para descrever de modo abrangente um fenômeno linguístico, é preciso analisá-lo nos diferentes con-

⁴ No original: "C is a construction iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions".

textos de uso, atentando-se igualmente para suas propriedades formais (fonológicas e morfossintáticas) e funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). No que tange a estas duas últimas, cabe ressaltar que a investigação dos aspectos discursivos⁵ e pragmáticos⁶ é bastante fundamental na análise funcionalista. Como sabemos, há diversas evidências empíricas que nos mostram que, por meio de processos cognitivos intersubjetivos – como é o caso da inferência sugerida (Traugott; Dasher, 2002) –, os falantes atribuem novas categorias e/ou novos sentidos às construções linguísticas.

Segundo Traugott e Dasher (2002), muitos processos de mudança semasiológica são motivados pela inferência sugerida (IS), que está na base dos processos de (inter)subjetivação e costuma acarretar a recategorização dos usos linguísticos. Mais especificamente, a IS é um mecanismo que favorece a polifuncionalidade e/ou a polissemia, na medida em que permite atribuir a uma forma previamente existente uma nova função. Esse mecanismo é regulado pela cognição social ou Teoria da Mente (ToM) (Tantucci, 2021), por meio da qual os ouvintes tendem a levantar hipóteses sobre as intenções dos falantes durante o processo interacional (e vice-versa), baseando-se em fatores tanto intra quanto extralinguísticos (Lopes, Bittencourt e Boechat, 2024, p. 101).

Ademais, um outro aspecto pertinente a esse novo modelo é que ele nos permite descrever as relações entre construções de diferentes níveis de abstração. Nesse sentido, por exemplo, embora reconheçamos, de um lado, que *diante disso* é um conector convencional do português, na medida em que constitui um *chunk*⁷, de outro, entendemos que ele é um *type* do subesquema [diante

5 Dentre os aspectos discursivos, são considerados caros à investigação em LFCU as noções de sequência tipológica, bem como de gênero discursivo.

6 Em relação aos fatores pragmáticos, é muito cara à LFCU a configuração do contexto linguístico imediato, no que se refere à presença de elementos que impactam, formal ou funcionalmente, o objeto de análise.

7 Por *chunk*, entendemos um grupo de elementos altamente vinculados entre si, que, exatamente por esse motivo, são armazenados na memória dos falantes como uma unidade, de modo que são acessados de maneira automática pelos falantes nas situações de uso. Cf. DIESEL, 2019.

de X], em que X é um *slot* que pode ser preenchido por outros elementos nominais, além de *isso*.

De forma complementar aos pressupostos da LFCU, empregamos, nesta pesquisa, os estudos de Sweetser (1990) para a descrição dos domínios da conexão. Segundo a estudiosa, a diversidade de interpretações que atribuímos aos conectores causais pode ser explicada em termos de *ambiguidade pragmática*, realizada em três diferentes domínios: a) domínio do conteúdo; b) domínio epistêmico; c) domínio do ato de fala. Para distingui-los, a estudiosa recorre a três diferentes frases, transcritas a seguir (Sweetser, 1990, p. 77):

- a) John voltou **porque** a ama.
- b) John a ama, **porque** ele voltou.
- c) O que você vai fazer hoje à noite, **porque** tem um bom filme passando no cinema...⁸

Sweetser considera que *porque* instancia, respectivamente, os três domínios supracitados. Em (a), temos um domínio de conteúdo porque as duas orações expressam fatos do mundo real, já conhecidos pelo enunciador. Nesse sentido, *porque* atua numa relação factual de consequência – em D1 – e causa – em D2. Por sua vez, em (b), temos uma inferência, em D1, e um fato, em D2. Por isso, o conector pertence ao domínio epistêmico, uma vez que a causa não é factual, apenas inferível: *se John voltou, ACREDITO que tenha sido porque a ama*. Por fim, o segmento textual, em (c), *porque tem um bom filme passando no cinema* não deve ser interpretado literalmente. Observamos que, na verdade, a oração é empregada como um ato perlocucionário, mais especificamente, um convite. Nesse sentido, o locutor dessa frase pretende, na verdade, convidar seu interlocutor para ir ao cinema. Por isso, pertence ao domínio do ato de fala.

Quando Sweetser, em 1990, propõe a existência de três domínios, ela o faz não somente para a análise de *because*, no inglês, mas, sim, como uma proposta de generalização, aplicável a todos

⁸ No original: "a) John came back because he loved her; b) John loved her, because he came back; c) What are you doing tonight, because there's a good movie on".

os conectores que atuam no domínio da causalidade. Segundo a autora, isso se dá em decorrência do fato de o tipo de causa não depender diretamente de fatores formais ou semânticos, mas, sobretudo, pragmáticos.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, selecionamos, para esta pesquisa, as cem primeiras ocorrências da base de dados *Now*, do *Corpus do Português*. Trata-se de um *corpus* atual, cujos dados compreendem o período de 2012 a 2019, bastante extenso, com cerca de um bilhão de palavras, e composto por textos da esfera jornalística (revistas e jornais eletrônicos). Os motivos de nossa escolha são: a) a elevada frequência de ocorrência de *diante disso* no *corpus* – 4.836 ocorrências retornadas no sistema de busca –, que nos fornece os dados necessários para esta investigação sem ter de recorrer a outros *corpora*; b) o fato de o *corpus* fornecer uma diversidade de gêneros discursivos, bem como de sequências tipológicas.

Os dados foram analisados sob um viés metodológico misto ou quali-quantitativo (Lacerda, 2016), assumindo-se uma leitura descritivo-explicativa das ocorrências. Paralelamente, adotamos critérios de análise que pudessem dar conta das propriedades formais e funcionais da construção, sem considerar apenas os aspectos fonológicos, uma vez que lidamos exclusivamente com dados da modalidade escrita. Eis os critérios:

- a) Identificação da função assumida por *diante disso* nos dados: conector ou termo oracional;
- b) Identificação do tipo de domínio em que ocorre *diante disso*, conforme a proposta de Sweetser (1990);
- c) Classificação semântica de *diante disso* conforme o tipo de relação que o conector estabelece entre D1 e D2;
- d) Classificação das sequências tipológicas na unidade discursiva que antecede (D1) e sucede (D2) *diante disso*.
- e) Descrição dos aspectos morfossintáticos e pragmáticos atinentes à D1 e à D2 nos diferentes domínios, como, por exemplo,

tempos verbais predominantes, presença ou ausência de elementos temporais, presença ou ausência de elementos de natureza factual e/ou epistêmica;

f) Correlação entre os fatores supracitados.

Cabe frisar que a pertinência da maior parte dos critérios fica clara na próxima seção, sobretudo no final, momento em que propomos uma série de generalizações com base na aplicação dos critérios aos dados analisados. No entanto, para garantir a inteligibilidade deste texto, exploraremos mais detidamente alguns conceitos nesta seção: o de unidade discursiva e aqueles relativos às diferentes sequências tipológicas.

No que tange à unidade discursiva, a opção por essa terminologia se deve a dois fatores: 1) *diante disso* pode articular orações, períodos ou parágrafos; 2) o pronome demonstrativo *isso*, por ser um elemento que encapsula porções precedentes de texto, apresenta escopo bastante variável. Como veremos na seção *Resultados*, a extensão de D1 está associada à remissão promovida por *isso*, e é pragmaticamente motivada: na sequência narrativa, *isso* retoma todo o evento anterior – que pode estar descrito em uma oração, em um ou mais períodos ou em um ou mais parágrafos, por exemplo; na dissertação, *isso* remete a um argumento anterior, que também pode estar expresso em segmentos de texto de extensão variável, de maneira análoga ao que ocorre na narração.

Por fim, no que se refere às sequências tipológicas, adotamos as descrições de Santos, Riche e Teixeira (2015), transcritas no quadro abaixo, que fecha esta seção:

Quadro 1 – Tipos textuais/sequências tipológicas e elementos linguísticos recorrentes

Tipos textuais/sequências tipológicas	Elementos linguísticos recorrentes
<i>Narração</i> : focalizar eventos ou fatos e suas transformações em uma sequência temporal	Verbos, advérbios, conjunções (tempo, espaço, lugar), verbos no presente (histórico) e no pretérito perfeito
<i>Descrição</i> : identificar, qualificar e situar seres, objetos, lugares no tempo e no espaço	Substantivos, adjetivos e advérbios, verbos no presente e no imperfeito do indicativo

<p><i>Dissertação:</i> Discutir, explicar, informar ou expor um tema, destacando relações de causa e efeito, contraposição etc. (exposição)</p> <p>Defender um ponto de vista e/ou opinião por meio de argumentos organizados por diferentes relações semânticas ou discursivas (argumentação)</p>	<p>Operadores discursivos (conjunções, preposições), verbos no presente, modalizadores (talvez, sem dúvida etc.)</p>
<p><i>Injunção:</i> ordenar ou apresentar regras e procedimentos a serem seguidos</p>	<p>Verbos no imperativo ou que apresentem o mesmo valor (como o infinitivo, por exemplo), pronomes (você, vocês)</p>

Fonte: Santos, Riche e Teixeira (2015, p. 36).

3 Resultados

Com base nas classificações de Sweetser (1990) para o domínio da causalidade, chegamos à seguinte distribuição para os usos de *diante disso*:

Tabela 1 – Distribuição dos dados de *diante disso* nos três domínios

	Frequência <i>token</i>	Percentual
Domínio do conteúdo	56	56%
Domínio epistêmico	37	37%
Domínio dos atos de fala	2	2%
Dados descartados	5	5%
TOTAL	100	100%

Fonte: Elaboração própria.

No domínio do conteúdo, *diante disso* introduz uma relação consecutiva, em que D1 e D2 trazem informações de natureza factual. Nesse contexto, o conector estabelece, necessariamente, uma relação temporal, em que D1 representa um estado de coisas anterior – a que atribuímos a noção de causa – e D2 um estado de coisas posterior – a que atribuímos uma noção de consequência. Abaixo, seguem duas ocorrências como ilustração:

| (05) Uma tentativa de homicídio foi registrada na noite

deste sábado (29) pela Polícia Militar no Loteamento Parizotto, em Capinzal. A ocorrência foi por volta das 21h após a PM receber denúncia de maus-tratos contra uma criança. Chegando ao local a guarnição encontrou um homem que prontamente se identificou como o pai da criança que teria sofrido um engasgamento, e que sua mulher, mãe da criança, já havia ido ao Hospital Nossa Senhora das Dores com o seu cunhado.

No local também estavam o avô da criança que corroborou a versão. Os policiais indagaram o pai a respeito de supostos maus-tratos da criança, sendo que ele afirmou ter ocorrido um engasgamento e que sua madrasta havia feito a desobstrução das vias através de sugamento pelo nariz, versão confirmada pelo avô materno e a madrasta. O avô materno relatou à guarnição que aproximadamente uma hora antes dos fatos viu a neta e ela não apresentava nenhuma lesão. **Diante disso**, a guarnição deslocou até o hospital a fim de esclarecer os fatos e se certificar da veracidade das informações repassadas pelos familiares.

(06) Seis milhões de euros fizeram com que Denis Cheryshev possa continuar a sua carreira no Valência, onde jogou por empréstimo na temporada passada. O conjunto 'che' descartou Denis Suárez por seu alto custo e ficou com o meia russo. Um movimento que pode favorecer a direção valencianista na busca pelo principal objetivo no mercado. Rafinha Alcântara. O brasileiro é um desejo de Marcelino, mas a sua contratação passa por várias etapas. O Barcelona pede algo em torno aos 15 milhões de euros, **diante disso** o Valência respondeu avaliando a possibilidade de um empréstimo.

Em (05), temos um texto em tipologia narrativa, pertencente ao gênero notícia. Trata do caso de um homem preso sob a suspeição de matar o próprio filho no Município de Capinzal, em Santa Catarina. No excerto, temos apenas um trecho da notícia. Chamamos de D1 todo o segmento textual sublinhado, relativo ao supos-

to fato de a criança ter se engasgado, o que teria motivado ao pai e à madrasta o procedimento de desobstrução das vias por meio do segmento do nariz: *Chegando ao local a guarnição encontrou um homem ... e ela não apresentava nenhuma lesão*. Por sua vez, chamamos de D2 todo o segmento introduzido por *diante disso*.

O domínio do conteúdo, nesse sentido, se revela porque há dois fatos encadeados por *diante disso*. Entendemos que D1 carrega informações pertencentes ao domínio do conteúdo, pois, embora o fato seja suposto, ele está relacionado a um conhecimento externo ao falante, e não a uma inferência que o falante faz sobre o mundo (o que pertenceria ao domínio epistêmico). Nesse tipo de arranjo, *diante disso* relaciona uma causa, em D1, a uma consequência, em D2, e é de natureza factual. Trata-se de uma relação lógico-semântica temporalmente situada, em que a causa deve ser anterior à consequência. É bastante frequente em sequências narrativas, sobretudo em notícias cujo objetivo seja o de relatar algum episódio do passado recente por meio do emprego dos tempos do pretérito (sobretudo o pretérito perfeito do indicativo).

Esse é o mesmo tipo de configuração que encontramos na ocorrência (06). O texto diz respeito à contratação de jogadores para o time do Valência. Em D1, a notícia narra que o time teria preferido o jogador Denis Cheryshev a Denis Suárez, cujo custo de empréstimo seria muito mais alto do que o primeiro, por quem pagou seis milhões de euros. Com a economia feita nessa substituição, criou-se a oportunidade de tomar emprestado do Barcelona mais um jogador altamente cotado: Rafinha Alcântara, cujo custo estimado é de quinze milhões de euros. Por sua vez, em D2, narra-se a ação do time diante desse contexto: ele entrou em contato com o Barcelona para avaliar a oportunidade de emprestar o jogador. Nesse sentido, assim como em (05), há uma relação de causa e consequência: poder contratar Rafinha Alcântara é consequência de um orçamento mais folgado por não ter contratado Denis Suárez (causa). Os dois fatos são temporalmente encadeados em uma sequência narrativa prototípica, cujo tempo verbal predominante é o pretérito perfeito.

No domínio epistêmico, temos diferentes possibilidades para D1 e D2. Dentre elas, pode ocorrer, nesse tipo de domínio, o que reconhecemos como o tipo dissertativo prototípico, em que as unidades discursivas são encadeadas por relações lógico-semânticas ou discursivo-argumentativas não situadas no tempo. Como sabemos, um dos traços distintivos entre a narração prototípica e a dissertação prototípica está na temporalidade: enquanto a narração é situada no tempo, de modo que os fatos são narrados em uma sequência temporal (normalmente linear, isto é, cronológica), a dissertação é atemporal. No que tange aos aspectos formais, essa diferença temporal pode ser notada na distinção dos empregos entre os tempos verbais, estando o pretérito perfeito do indicativo para a narração, assim como o presente do indicativo está para a dissertação. Abaixo, seguem duas ocorrências em que *diante disso* ocorre em sequências dissertativas prototípicas:

(07) Na terça-feira 21, o senador Omar Aziz (PSD-AM), de 50 anos, dizia em plenário aquilo que muitos parlamentares comentam nos bastidores. “Ninguém vai mudar a natureza do presidente Bolsonaro. Ele tem uma natureza própria, ele tem uma idade já e não vai mudar de opinião”. Para os congressistas, Jair Bolsonaro não vai parar de demonizar a “velha política”, de portar-se como virgem entre pecadores, de apelar às ruas e às milícias digitais para tentar levar o Congresso a curvar-se ao governo. **Diante disso**, a má relação do presidente com o Congresso parece não ter volta.

Embora o excerto, em (07), seja extraído de uma notícia – um gênero predominantemente narrativo –, podemos notar que as unidades discursivas encadeadas por *diante disso* são de natureza dissertativa. Isso se deve ao fato de não serem uma referência a um fato no mundo, mas, sim, a um ponto de vista. Nesse sentido, em D1, o senador Omar Aziz relata as crenças compartilhadas pelos parlamentares sobre o ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro: “ninguém vai mudar a natureza do presidente”. Em D2,

por sua vez, apresenta-se uma informação de natureza inferencial, que a coloca no domínio epistêmico, cuja marca linguística é o verbo modal *parecer*: *a má relação do presidente com o Congresso PARECE não ter volta*.

Nos dados analisados, interpretamos que *diante disso*, no domínio epistêmico, veicula o sentido de conclusão. De acordo com Marques e Pezatti (2015), esse tipo de relação semântica é de natureza discursivo-argumentativa, pois envolve um raciocínio inferencial lógico, em que uma conclusão (Q) é derivada de duas premissas, uma explícita (P1) e outra implícita (P2). Esse tipo de raciocínio lógico atua por meio de regras abstratas semelhantes ao pensamento silogístico, como ocorre no exemplo da lógica aristotélica: *Todo homem é mortal (P1), Sócrates é homem (P2), logo Sócrates é mortal (Q)*.

Em (07), podemos dizer que a premissa explícita (P1) é a que se encontra em D1, que relata a natureza imutável de Bolsonaro em relação àquilo que considera a “velha política” praticada pelo Congresso: em seu ponto de vista, o Congresso deve se curvar aos desejos do Governo. A premissa implícita (P2) inferível, nesse caso, é o conhecimento de que os congressistas não vão ceder à inflexibilidade de Bolsonaro. A conclusão que se deriva desses dois estados de coisa (Q) é que a relação entre Bolsonaro e Congresso continuará sendo conflituosa.

O mesmo tipo de relação pode ser observado em (08), logo a seguir. Trata-se de uma notícia sobre a aprovação do Projeto de Lei nº 237/2018, que permite à família que adota uma criança substituir o nome em sua certidão de nascimento por um novo, chamado de nome afetivo. A notícia não apenas relata que o projeto foi aprovado como também o explica. Essa explicação se dá por meio de uma sequência dissertativa. Em D1, na premissa explícita, explica-se que os hospitais, por exemplo, chamariam a criança pelo nome da certidão, e não pelo nome afetivo, o que seria passível de causar constrangimentos à família. Como premissa implícita, podemos supor que a não correspondência entre o nome da certidão de nascimento e o nome da família adotiva levaria à ne-

cessidade da conclusão contida em D2: além da certidão, os pais adotivos precisariam apresentar a guarda em mãos, para provar que a criança está sob sua responsabilidade.

(08) Alguns desses grupos da Baixada conquistaram a aprovação do Projeto de Lei 237/2018, referente ao nome afetivo, que é o nome real que a família adotiva escolhe para a criança, e substitui o nome biológico que vem na certidão de nascimento. Essa medida tem como objetivo evitar constrangimentos referentes à documentação, já que o nome afetivo não seria chamado em um hospital, por exemplo. Diante disso, era necessário ter sempre a certidão e a guarda em mãos, para que os pais adotivos pudessem provar que a criança estava sob a responsabilidade deles. Agora, o nome social escolhido está presente na guarda da criança adotada, comprovando a existência e evitando complicações.

Como é possível observar, os dados (05) e (06), de um lado, e (07) e (08), de outro, diferenciam-se tanto no que diz respeito às sequências tipológicas predominantes – narração em (05) e (06); dissertação em (07) e (08) – quanto, respectivamente, no que se refere à presença ou não do aspecto temporal. Vale ressaltar que, no domínio epistêmico, dados como os relatados em (07) e (08), em que *diante disso* ocorre em contextos dissertativos prototípicos, são pouco frequentes: dentre as 37 ocorrências classificadas como pertencentes a esse domínio, apenas sete apresentam essas características. Existem outros três tipos de uso que identificamos na análise, os quais classificamos como pertencentes ao domínio epistêmico, sendo dois deles também de semântica conclusiva – dados (09) e (10) – e outro de semântica consecutiva – dado (11):

(09) O jogador ficou fora da partida das oitavas de final da Copa do Brasil, diante do Fluminense, classificação da Raposa com vitória 3 a 1 nos pênaltis. A justificativa até o momento é que o atleta tem uma virose, mas novos exames serão feitos. Ele fica em observação nos próximos dias

para saber se o caso evolui para dengue ou se será mesmo uma forte gripe. Diante disso a presença de Egídio, contra o Corinthians, no próximo sábado, pelo Campeonato Brasileiro, é incerta.

Em (09), temos o trecho de uma notícia em que Egídio, jogador do Corinthians, ficou fora da partida de futebol por estar sob suspeita de dengue. Temos duas unidades discursivas dissertativas encadeadas por *diante disso*. Em D1, temos a explicação do porquê o jogador ter sido retirado das oitavas de final: estava com uma virose. Em D2, o domínio epistêmico está presente na expressão “é incerta”, que representa um conteúdo inferencial por parte do enunciador, mais especificamente, uma conclusão a que chegou com base nas evidências. Na notícia completa, a suspeita era de que a virose fosse dengue. Nesse caso, como dengue é uma doença cuja recuperação é lenta e inspira cuidados, existia a possibilidade de que o jogador não retornasse ao campeonato a tempo.

Diferentemente de (07) e (08), em (09), o traço temporal está dado em D2, mais especificamente na expressão “no próximo sábado”. Esse tipo de uso – uma sequência dissertativa temporalmente encadeada – é relativamente comum nos dados analisados (9 das 37 ocorrências). A nossa hipótese é a de que essa característica esteja associada, mais diretamente, ao gênero: não estamos diante de uma sequência dissertativa inserida em um texto predominantemente dissertativo, mas, sim, diante de uma sequência dissertativa a serviço de um texto predominantemente narrativo. Nesse sentido, a convergência de alguns traços é até esperada, inclusive em decorrência da diferença entre a natureza das duas tipologias: as dissertações prototípicas são textos temáticos, que organizam as ideias por meio da hierarquização lógica dos argumentos; as narrações são textos figurativos, no sentido de que tratam de situações particulares, frequentemente organizadas sequencialmente, respeitando-se a ordem cronológica dos acontecimentos. Dessa maneira, ao se defender um ponto de vista (aspecto da dissertação) sobre uma situação particular (aspecto da

narração) – a participação de um jogador na final da Copa do Brasil –, é natural que as relações temporais sejam evocadas.

Essa interface entre narração e dissertação é predominante nos dados, inclusive em contextos em que a narração está em D1; a dissertação, em D2. É o que podemos observar, por exemplo, na ocorrência (10):

(10) Na madrugada dessa terça-feira (6), Toledo foi abordado na região central do município. Como as suas características correspondiam com a descrição das vítimas e ele escondia uma faca no bolso, o acusado foi encaminhado à CPJ. Na delegacia, foi reconhecido e teve sua prisão temporária decretada. Ele seria levado para a Cadeia Pública de Avaí. Serrano acrescenta, ainda, que o acusado havia sido condenado por furto e roubo. Ele cumpriu pena até o dia 27 de outubro deste ano, poucos dias antes de ser apontado como autor dos dois novos roubos. Diante disso, acreditamos que ele tenha cometido outros crimes semelhantes”, argumenta.

Em (10), temos uma notícia que trata de uma acusação de assalto. Nessa ocorrência, D1 é uma sequência narrativa que comporta uma série de ações cronologicamente encadeadas. Essa progressão temporal é garantida não só pela presença de adjuntos adverbiais temporais – *na madrugada dessa terça-feira; até o dia 27 de outubro* –, mas, sobretudo, pela presença de verbos de ação no pretérito perfeito, temporalmente ordenados: (1) *foi abordado na região central*; (2) *foi encaminhado à CPJ*; (3) *foi reconhecido*; (4) *teve sua prisão temporária decretada*; (5) *cumpriu pena*. Já em D2, há uma inferência: uma vez que o acusado já cometeu crime de assalto e suas características físicas correspondem às descrições dadas pelas vítimas, ele deve ser o autor dos últimos assaltos. Trata-se também de uma semântica de conclusão. A premissa explícita (P1) é a própria D1, sublinhada na ocorrência; a premissa implícita (P2) seriam as evidências: se ele já cometeu crimes de assalto naquele local e se a descrição que as vítimas fazem do assaltante bate com

as suas características, isso nos leva à conclusão (Q), no início da D2: *acreditamos que ele tenha cometido outros crimes semelhantes*.

Conforme podemos notar, diferentemente dos dados anteriores, temos uma sequência narrativa em D1; dissertativa em D2. Esse é o tipo mais recorrente de conclusão encontrado nos dados (16 de 37 ocorrências). Por fim, segue o dado (11), a que atribuímos um valor de consequência, muito embora pertença ao domínio epistêmico:

(11) Na primeira noite que passaram juntos, Najila disse que Neymar chegou “aparentemente alterado”. Após carícias iniciais, ela revelou que os tapas do jogador em suas nádegas passaram a ser mais fortes, até a vítima pedir para parar. O jogador, prontamente, respondeu: “desculpa, linda”. Posteriormente, as coisas ficaram mais tensas, segundo a modelo. Depois de Neymar confirmar que não estava com preservativo, ela revelou ter indicado a ele que os dois não teriam relações sexuais. Diante disso, o atacante do PSG teria aumentado o teor dos tapas em suas nádegas.

Em (11), temos uma notícia em que a modelo Najila Trindade acusa Neymar de tê-la estuprado, logo após ter se recusado a seguir com o intercuro sexual, inicialmente consentido, porque ambos estavam sem preservativo. Diferentemente dos casos anteriores, neste, tanto D1 quanto D2 pertencem à sequência narrativa. O que nos leva a atribuir um valor epistêmico a D2 é o emprego do futuro do pretérito. O jornalista, por não querer se comprometer diretamente com os fatos apresentados por Najila, introduz-os por meio de um tempo verbal ligado ao modo *irrealis*⁹. Sendo assim, em D2, não temos necessariamente um fato, mas potencialmente um fato. Esse é o contexto de menor frequência nos dados do domínio epistêmico (5 de 37). Entendemos, no entanto, que não estamos mais diante de uma semântica de conclusão, como os demais

⁹ Os termos *realis* e *irrealis* têm sido empregados na literatura funcionalista para distinguir os eventos que são apresentados como tendo ocorrido num mundo contigente (modo *realis*) ou que sejam apresentados como meras hipóteses (modo *irrealis*). O futuro do pretérito, de maneira análoga aos advérbios e verbos epistêmicos, é comumente responsável por apresentar um evento no modo *irrealis* (Cf. FURTADO DA CUNHA *et al.*, 1995, p. 29).

dados apresentados do domínio epistêmico, mas, sim, diante do que optamos por chamar de uma consequência de 2º grau, isto é, uma consequência atribuída a um outro locutor, e não ao próprio enunciador do texto. Isso significa que, no domínio do conteúdo propriamente dito, temos a consequência prototípica (ou simplesmente consequência), cujas relações são de responsabilidade do próprio enunciador; no domínio epistêmico, a consequência de 2º grau, cujo conteúdo é atribuído a outrem, com o qual o enunciador procura não se comprometer.

Por fim, passemos para os domínios do ato de fala. Conforme pudemos observar no Quadro 1, identificamos apenas duas ocorrências que, em nossa interpretação, são relativas a esse domínio. Estão transcritas a seguir:

(12) “Embora grave o crime e confessado pelo custodiado, não estão presentes os requisitos que autorizariam a prisão preventiva. **Diante disso**, concedo a liberdade provisória”, decidiu o juiz Luis Carlos Kopes Brandão, do Posto Avançado de Itauba, da Vara Única de Ferreira Gomes.

(13) “Sem fazer qualquer juízo de valor quanto ao mérito da controvérsia, fazendo uma análise preliminar e perfunctória quanto aos elementos de fato e de direito expostos na petição inicial, verifica-se que os requisitos extrínsecos e intrínsecos para processamento da medida foram cumpridos pelo impugnante. **Diante disso**, recebo a presente impugnação e determino que se dê imediato conhecimento da instauração do processo ao Presidente da Confederação Brasileira de Futebol, para que não homologue o resultado da partida realizada no dia 25/05/2019, pelo Campeonato Brasileiro Série A 2019, entre Botafogo e Palmeiras.

Em (12) e em (13), as formas verbais *concedo*, *recebo* e *determino* atuam como introdutoras de atos de fala perlocucionários. Segundo Austin (1962) e Searle (1969), existem tipos de enunciados

que se classificam como performativos – atos perlocucionários –, na medida em que realizam uma ação no mundo. É o que observamos nas ocorrências (12) e (13), dado que as ações proferidas em D2 – no primeiro por um juiz; no segundo, pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva – são realizadas no ato de sua enunciação. Entendemos que, nessas duas ocorrências, *diante disso* veicula uma semântica conclusiva, cuja premissa implícita configura o conhecimento legal sobre os tipos de medidas a serem tomadas mediante as situações descritas em D1.

Não obstante essas semelhanças com outras relações conclusivas do domínio epistêmico, no domínio de ato de fala, as sequências discursivas se distinguem: como podemos notar nos dados (12) e (13), em D1, há dissertação; em D2, injunção.

Cabe frisar que, uma vez que entendemos que a quantidade de dados nesse tipo de domínio é insuficiente para propor alguma generalização de seu uso, optamos por desconsiderá-lo da tabela resumitiva proposta a seguir. Entendemos, portanto, que seus aspectos devem ser explorados mais detidamente em estudos futuros, com a apreciação de uma maior quantidade de dados dentro desse domínio.

Tabela 2 – Traços morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos observáveis nos dados

	Domínio do Conteúdo	Domínio Epistêmico			
Valor semântico	Consequência	Conclusão			Consequência de 2º grau
		Contexto 1	Contexto 2	Contexto 3	
Sequência tipológica em D1	Narração	Dissertação (prototípica)	Dissertação (prototípica)	Narração	Narração

Aspectos morfos-sintáticos esperados em D1	Predominância de pretérito perfeito em toda D1 (ou do presente histórico); presença de advérbios/loc. adverbiais de tempo e/ou sequenciadores	Predominância do presente do indicativo; ausência de elementos que promovam a progressão no tempo	Predominância do presente do indicativo; ausência de elementos que promovam a progressão no tempo	Predominância de pretérito perfeito em toda D1 (ou do presente histórico); presença de advérbios/loc. adverbiais de tempo e/ou sequenciadores	Predominância de pretérito perfeito em toda D1 (ou do presente histórico); presença de advérbios/loc. adverbiais de tempo e/ou sequenciadores
Sequência tipológica em D2	Narração	Dissertação (prototípica)	Dissertação (não prototípica)	Dissertação (prototípica)	Narração
Aspectos morfos-sintáticos esperados em D2	Presença de pretérito perfeito (ou do presente histórico), pelo menos na primeira oração da D2	Predominância do presente do indicativo; ausência de elementos que promovam a progressão no tempo	Predominância do presente do indicativo; presença de elementos temporais que situem a D2 em um tempo futuro em relação à D1	Predominância do presente do indicativo; presença ou ausência de elementos que promovam a progressão no tempo. Possibilidade de que D2 se situe em um tempo futuro em relação à D1	Presença do futuro do pretérito pelo menos na primeira oração da D2 ou de advérbios de natureza epistêmica, que coloquem o evento narrado em modo <i>irrealis</i>

Aspectos pragmáticos	D1 contém a causa; D2, a consequência D1 é temporalmente anterior à D2	Há um raciocínio silogístico, em que D1 é a premissa 1 e D2 é a conclusão. A premissa 2, de caráter implícito, é construída discursivamente D1 não é anterior à D2	Há um raciocínio silogístico, em que D1 é a premissa 1 e D2 é a conclusão. A premissa 2, de caráter implícito, é construída discursivamente D1 é anterior à D2	Há um raciocínio silogístico, em que D1 é a premissa 1 e D2 é a conclusão. A premissa 2, de caráter implícito, é construída discursivamente D1 pode ser anterior à D2	Há uma relação de causa (D1) e consequência (D2). No entanto, a consequência é epistêmica, já que o enunciador do texto não se compromete com o conteúdo de D2, que é atribuído a outrem
Frequência de ocorrência	56	7	9	16	5

Fonte: Elaboração própria.

Conforme podemos observar na Tabela 2, há, no nosso entendimento, dois contextos de consequência e três contextos de conclusão, que se distinguem entre si por alguns aspectos, sejam morfossintáticos, discursivos (no que diz respeito à sequência tipológica) ou pragmáticos. A consequência propriamente dita pertence ao domínio do conteúdo. Nesse contexto, *diante disso* articula dois conteúdos temporalmente encadeados, de natureza factual – tanto a informação em D1 quanto em D2 representam um conhecimento do enunciador sobre fatos desencadeados no mundo biofísico social. Essa relação articulada por *diante disso* pertence ao domínio da causalidade, mais especificamente, da relação causa – em D1 – e consequência – em D2. Sendo assim, o esperado é que os fatos relatados em D1 e D2 representem a narração prototípica, com presença predominante de verbos no pretérito perfeito, além de elementos que marquem o tempo e sua progressão cronológica. É possível, no entanto, que essa narração se dê por meio do presente histórico, empregado quando usamos o presente do indicativo para narrar o passado, dando-lhe a impressão de que os fatos se desenvolvem simultaneamente à enunciação.

Em (15), temos uma ocorrência deste último tipo de contexto:

(14) Não há nada naquele dispositivo que seja necessário para que o app da BitFi funcione”, relatou OverSoft. “Não há qualquer segurança. Eles poderiam ter lançado isso na Play Store como um aplicativo”. Vai pagar ou não? John McAfee se manifestou sobre o feito afirmando que “rotear não é hackear”, ao que o próprio OverSoft respondeu dizendo que “se é possível instalar um keylogger [na carteira]= não é segura”. Apesar da fala do executivo, um tweet publicado no perfil da empresa reconhece “uma potencial fragilidade de segurança” e, **diante disso**, resolve lançar um novo programa de recompensas para resolvê-lo!

Como é possível verificar, em D1, podemos situar o segmento *o tweet publicado no perfil da empresa reconhece ‘uma potencial fragilidade de segurança’* como um fato realizado no passado (a publicação e o reconhecimento), mas com impacto relevante ainda no presente; em D2, também temos um fato do passado recente, a despeito do emprego do presente do indicativo. Conforme é possível perceber, a empresa já RESOLVEU lançar o programa, ou seja, a decisão já foi tomada. Por conseguinte, o presente, nesse caso, traz um efeito de sentido relativo à recência.

Por sua vez, a consequência de 2º grau – termo cunhado por nós – pertence ao domínio epistêmico. Assim como a consequência prototípica, ela relaciona dois segmentos narrativos. Não obstante, o conteúdo de D2 não pode ser tomado como factual – diferentemente do que ocorre na consequência prototípica –, já que o que é declarado, para ser considerado verdadeiro, precisa se submeter ao critério da verificabilidade. Retomando-se a ocorrência (11), por exemplo, que trata da acusação de Najila Trindade sobre a tentativa de estupro de Neymar, a D2 nos permite supor que há a possibilidade de que Najila esteja mentindo. Cabe frisar que todos os cinco dados analisados como pertencentes a essa categoria apresentaram-se com a mesma configuração, em que a D2 é iniciada com verbo no futuro do pretérito do indicativo. No entanto,

entendemos que há outras possibilidades, como, por exemplo, o uso de advérbios epistêmicos. Como ilustração desse caso, segue uma nova ocorrência, extraída diretamente do *Google* (e não do *corpus*). Como é possível observar, o pretérito perfeito se mantém em D1 e em D2, mas a modalidade epistêmica é garantida pelo advérbio *supostamente*, no início da D2:

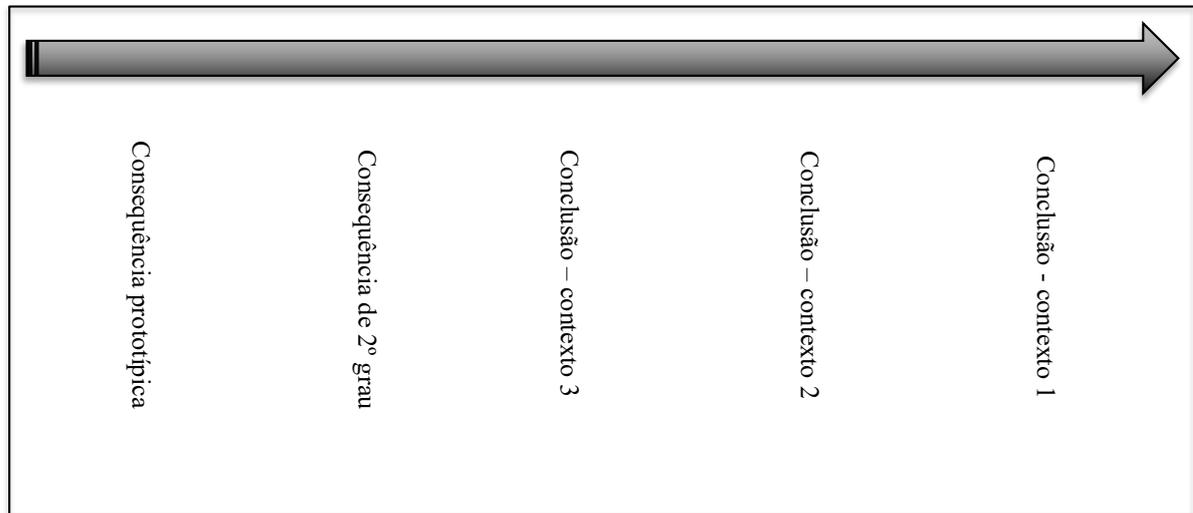
(15) Borges (2018) trabalhou com crianças que receberam uma educação pautada nos PCNs. **Diante disso**, supostamente as crianças que participaram da pesquisa estudaram Astronomia ao longo do Ensino Fundamental, a partir das orientações dos PCNs [...].

Os três contextos de conclusão, por sua vez, pertencem ao domínio epistêmico. Há, no entanto, uma que pode ser considerada mais prototípica sobre todos os aspectos. A conclusão do contexto de tipo 1 – indicada na Tabela 2 – encadeia duas unidades discursivas prototipicamente dissertativas, isto é, temos dois segmentos de natureza temática, não situadas temporalmente, mas articuladas entre si por relações hierárquicas, que envolvem o raciocínio silogístico: a conjunção de duas máximas – ou premissas –, sendo uma delas explícita (P1) e outra implícita (P2), que nos leva a uma conclusão por meio de uma dedução: $a=b$, *assim como* $b=c$; *logo*, $a=c$.

Já na conclusão do contexto de tipo 2, embora ela também envolva duas unidades discursivas dissertativas, há a presença do elemento temporal, o que coloca D1 e D2, diferentemente da conclusão do contexto de tipo 1, em uma relação de anterioridade e posterioridade. Na conclusão do contexto de tipo 3, por sua vez, a D2 rompe com a sequência narrativa anterior e inicia uma dissertativa, de modo que D1 também assuma uma relação de anterioridade à D2.

Dado que, para o funcionalismo, há uma escala de abstratização gradiente, que parte dos usos mais concretos para os mais abstratos, aventamos a hipótese de que a escala de abstratização de *diante disso*, para os usos consecutivos e conclusivos, se dê da maneira que segue:

Figura 2 – Proposta de escala de abstratização dos usos de *diante disso*



Fonte: Elaboração própria.

Reconhecemos que a escala proposta acima é apenas uma hipótese, dado que sua comprovação exigiria uma investigação diacrônica. Não obstante esse fato, os diversos estudos linguísticos funcionalistas já realizados evidenciam que essa direcionalidade da mudança é regular nas mais diversas línguas naturais, o que torna essa hipótese bastante plausível. Inclusive, os estudos funcionalistas também atestam que a narração é uma sequência tipológica mais concreta e básica do que a dissertação (Furtado da Cunha *et al.*, 1995).

Levando-se em consideração os traços pertinentes a *diante disso* que poderiam aproximá-lo das noções de concretude e de abstração, chegamos aos seguintes traços semânticos mínimos, que são capazes de distinguir os cinco diferentes usos apontados na Tabela 3:

Tabela 3 – Traços de concretude e abstratização nos dados analisados

	Conteúdo Factual		Ancoragem no tempo	
	D1	D2	D1	D2
Consequência (prototípica)	+	+	+	+
Consequência de 2º grau	+	-	+	+

Conclusão do tipo 3	+	-	+	-
Conclusão do tipo 2	-	-	-	+
Conclusão do tipo 1	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Para fechar esta seção, resta-nos descrever os dados descartados indicados na Tabela 1, no início desta seção. Tais dados referem-se aos cinco casos em que *diante disso* é um termo oracional, e não um conector. Como ilustração, segue a ocorrência (17), em que *diante disso* é um termo da oração, mais especificamente, um complemento nominal:

(16) Segundo o presidente, uma diferença significativa entre os dois países é a existência, na China, de um sistema educacional mais direcionado à produção de propriedade intelectual. “Aqui, as pessoas e os estudantes nem sabem o que é isso. A burocracia existe, mas é mínima **diante disso**”, afirma.

4 Considerações finais

Neste texto, tivemos o objetivo descrever os usos do conector *diante disso* na articulação textual à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Nossas hipóteses iniciais foram as seguintes: a) *diante disso* é uma microconstrução pertencente ao subesquema [diante de X]; b) é um *chunk*, de modo que suas duas subpartes se encontram altamente vinculadas entre si e, por isso, são processadas como uma única unidade; c) o pronome demonstrativo *isso*, por ser um encapsulador de predicções de porções precedentes do texto e por ser uma forma mais gramatical e leve, é mais facilmente eleito para ocupar o *slot* X em relação a outros potenciais itens no subesquema [diante de X]; d) a microconstrução é polissêmica, manifestando valores resultativos nos três domínios da conexão, conforme a perspectiva de Sweetser (1990).

Os resultados corroboram as hipóteses. No entanto, no que tange à hipótese *d*, verificamos que os domínios propostos por Sweetser (1990), por si sós, são insuficientes para descrever a complexidade dos usos de *diante disso*. Por esse motivo, tivemos de empregar também outros fatores de análise – morfossintáticos, semânticos e discursivos –, fato que nos permitiu chegar a uma gradiência dos usos para *diante disso*, a qual descrevemos abaixo:

a) A consequência prototípica ocorre no domínio do conteúdo, em sequências narrativas, em que há predominância do pretérito perfeito ou do presente histórico em D1 e D2, com presença de elementos adverbiais temporais e/ou sequenciadores. A D1 contém a causa; a D2, a consequência. A relação entre D1 e D2 é temporalmente situada, de modo que a primeira é anterior à segunda.

b) A consequência de 2º grau pertence ao domínio epistêmico e ocorre em sequências narrativas, com predominância do pretérito perfeito ou do presente histórico em D1, com possibilidade de presença de elementos adverbiais de tempo ou sequenciadores; e futuro do pretérito em D2 ou advérbios de natureza epistêmica, que coloquem o evento narrado no modo *irrealis*. Há uma relação de causa em D1 e consequência em D2, mas essa consequência é epistêmica, já que o enunciador não se compromete com o conteúdo de D2, que é atribuído a outrem.

c) A conclusão do contexto de tipo 1 ocorre no domínio epistêmico em sequências dissertativas prototípicas, atemporais, em que predomina o presente do indicativo em D1 e D2. A relação semântica emerge de um raciocínio silogístico, em que D1 é a premissa e D2 é a conclusão. A premissa 2, de caráter implícito, é construída discursivamente. Não há uma relação temporal estabelecida entre D1 e D2, mas, sim, de natureza lógica.

d) A conclusão de contexto de tipo 2 também ocorre no domínio epistêmico em sequências dissertativas prototípicas em D1 e não prototípicas em D2. Sendo assim, predomina o presente do indicativo, estando ausentes elementos que promovam a progres-

são temporal em D1, mas há, em D2, elementos temporais que situem a D2 em um tempo futuro em relação a D1.

e) A conclusão de contexto de tipo 3 pertence ao domínio epistêmico e ocorre em sequências narrativas em D1 e dissertativas prototípicas em D2. Há, nesse sentido, predominância do pretérito perfeito em D1, com presença de elementos temporais e sequenciadores, e presente do indicativo em D2, com possibilidade de ações no futuro.

Infelizmente, como os dados apontaram apenas duas ocorrências pertencentes ao domínio dos atos de fala, cabe lembrar que optamos por desconsiderar a análise neste artigo, já que não conseguiríamos propor algum tipo de generalização. Portanto, o tratamento dessa categoria exigirá, futuramente, a coleta de novos dados ou a seleção de novos *corpora*.

Por fim, esperamos que este estudo sirva não somente para que possamos entender melhor os contextos de uso de *diante disso*, mas também que auxilie outros pesquisadores na descrição de outros conectores causais. Esse desejo se deve ao fato de acreditarmos que as generalizações a que chegamos – no que diz respeito aos aspectos formais e funcionais – sejam pertinentes a outros conectores do português.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press, 1962.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. v. 2. São Paulo: EdUsp, 2010.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESEL, Hoegel. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. New York: Cambridge University Press, 2019.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica *et. al.* Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 1995. p. 21-48.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, edição especial, p. 83-110, 2016.

LOPES, Monclar Guimarães; BITTENCOURT, Bárbara Andrea Fontoura; BOECHAT, Ana Luiza Costa. Usos do operador argumentativo *for a isso* no português contemporâneo. *Revista Confluência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 66, p. 90-123, 2024.

MARQUES, Norma Barbosa Novaes; PEZATTI, Erotilde Goreti. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1985.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Teoria, Método e Aplicação. Niterói: EDUFF, 2022.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Cláudia Souza. *Análise de produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2015.

SEARLE, John Rogers. *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Peking: Peking University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.